

A CRIAÇÃO LITERÁRIA DE GEOVANI MARTINS: UMA ANÁLISE DO CONTO "ROLÉZIM"

THE LITERARY CREATION OF GEOVANI MARTINS: AN ANALYSIS OF THE SHORT-STORY "ROLÉZIM"

Thalyta Vasconcelos de Siqueira¹

Resumo: Neste trabalho, analisarei o texto literário "Rolézim", um dos treze contos que integram o livro *O Sol na Cabeça*, escrito pelo autor brasileiro contemporâneo Geovani Martins e publicado pela editora Companhia das Letras em 2018. A análise tem como objetivo permear os aspectos formais, estéticos, linguísticos e sociais do conto, assim como os literários. Destaco, durante o trabalho, a linguagem escolhida pelo autor para criar a sua narrativa e construir a representação de grupos sociais específicos encontrados no conto, além das denúncias sociais apresentadas constantemente ao longo das narrativas do livro. Para analisar esses diversos fatores que compõem a obra de Geovani Martins, utilizo algumas reflexões de Gotlib (1985) e Cortázar (2006), acerca da Teoria do Conto, relacionando as características desse gênero narrativo com o texto literário analisado, assim como os estudos de Schøllhammer (2009) e Candido (2006) para analisar, discutir e apresentar os aspectos literários e sociais da obra, assim como a ligação entre eles ao longo da construção artística. A partir dessas reflexões, situo o livro *O Sol na Cabeça* no momento presente e, ao mesmo tempo, destaco o seu constante diálogo com a tradição literária brasileira e com o passado a partir da linguagem apresentada na composição da narrativa.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Teoria do Conto; Análise Literária.

Abstract: In this article, I will analyse the literary text "Rolézim", which is one of the thirteen short-stories of *O Sol na Cabeça* – book written by Geovani Martins, who is a contemporary brazilian writer, and published by the publisher named Companhia das Letras in 2018. This analysis wishes to pervade the formal, social, linguistic and literary aspects of the short-story. I highlight, during this article, the language chosen by the author to create his narrative and the representation of specific social groups found in this short-story, in spite of all the social complaints shown constantly during the book's narratives. For analyse these several elements of Geovani Martins' book, I use some thoughts of Gotlib (1985) and Cortázar (2006) about the Short-story Theory, connecting the characteristics of this narrative genre with the analyzed literary text, and also the studies of Schøllhammer (2009) and Candido (2006) to analyse, debate and show the literary and social aspects of the book and their connection during the artistic construction. From these thoughts, I situate the book *O Sol na Cabeça* in the present and, at the same time, I highlight its constant dialogue with the brazilian literary tradition and with the past because of how the language is shown within the narrative composition.

Keywords: Contemporary Literature; Short-story Theory; Literary Analysis.

¹ Graduanda em Letras/Português pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: thalyta.siqueira@fale.ufal.br.

1. Introdução

No terceiro capítulo de *A República*, Platão faz uma divisão dos gêneros literários, que atualmente dividimos entre narrativo, lírico e dramático. O conto é uma modalidade de escrita encontrada dentro do gênero literário narrativo, que consiste numa narração de um fato específico, que pode ou não representar a realidade ou a vida cotidiana. O conto consegue se diferir do romance por ser a narrativa de uma situação particular e curta, como um fragmento de uma sequência. Para Cortázar (2006, p. 227), o conto tem como missão ser uma economia de meios.

Neste trabalho, analisarei um conto do livro *O Sol na Cabeça*, que reúne treze contos do escritor Geovani Martins e foi publicado pela primeira vez em 2018 pela editora Companhia das Letras. Seis dos treze contos são narrados em primeira pessoa e os demais em terceira, e é recorrente durante o livro nos diferentes protagonistas, a aproximação entre o narrador e o lugar social que é ocupado por ele. Além disso, os narradores de *O Sol na Cabeça* têm em comum o fato de todos serem homens, porém, existem crianças, adultos e idosos narrando as histórias do livro, assim como temáticas diversas são abordadas no decorrer das narrativas, como violência, desigualdade social, drogas, arte, vícios, memória, religião etc.

O conto que abre o livro é determinante para a relação entre a obra e o leitor, se chama “Rolézim” e é composto por dezoito parágrafos. Por se tratar de um conto e se caracterizar dentro desse gênero literário, “Rolézim” não é dividido em partes e se trata de uma narrativa de momentos específicos de um único dia da vida do narrador-personagem. É um recorte único de uma sequência de acontecimentos que não são compartilhados com o leitor, por isso, se caracteriza como conto.

De acordo com Gotlib (1985, p. 30): “É justamente por esta capacidade de corte no fluxo da vida que o conto ganha eficácia, segundo alguns teóricos, na medida em que, breve, flagra o momento presente, captando-o na sua momentaneidade, sem antes nem depois”. É o que temos em todas as narrativas de *O Sol na Cabeça*, fragmentos e momentos da vida das personagens, sem antes nem depois.

2. *O Sol na Cabeça* e a tradição literária

A língua portuguesa, falada no Brasil e usada para narrar os contos do livro *O Sol na Cabeça*, derivou da língua latina. Uma diferenciação que existe dentro do latim é entre o latim clássico e o vulgar: “Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua” (COUTINHO, 1947, p. 29).

Essas duas modalidades da língua latina se caracterizavam como literária e popular, respectivamente. O latim clássico era estático e não dava conta de ser um reflexo da vida do povo, dinâmica e mutável. A literatura latina, que era fechada em relação das manifestações populares, se constituía a partir de manifestações do latim clássico. Dessa forma, percebe-se que essa dissociação entre a língua que deve ser falada e a língua que deve ser utilizada nas expressões artísticas não existe mais. Autores como Guimarães Rosa, ao criar neologismos e utilizar a língua rompendo com o que se espera a partir da Gramática Normativa, tornam fácil de perceber que diferentes formas de manifestações da língua portuguesa estão presentes na literatura.

Durante a segunda fase modernista, conhecida por geração de trinta, havia uma intenção de se criar uma literatura puramente brasileira, resquícios de regionalismo e de representação da identidade do país, autores como Jorge Amado se aventuraram ao utilizar algumas expressões consideradas oralizadas e reconhecidas por uma região específica. Geovani Martins faz, atualmente, um movimento semelhante. É como imaginar uma narrativa sendo feita como latim vulgar e não clássico, o que causa um estranhamento e, ao mesmo tempo, um desvio da norma e do esperado.

Geovani Martins dá continuidade a essa tradição quando usa termos como: “Neguim”, “Foda”, “Cara de cu”, “Na moral”, “Num fode”, “Tu tá ligado”, etc. Tais expressões são encontradas no conto de abertura de *O Sol na Cabeça* e faz com que o leitor se situe do que encontrará nas páginas seguintes. Além disso, não são todos os treze contos que são narrados com marcas de oralidade, alguns dos contos encontrados no livro trazem uma linguagem considerada formal diante da Gramática Normativa e outros misturam as duas formas de narrar.

Além disso, é notório o diálogo do narrador com o leitor, o que já foi feito por autores como Machado de Assis em suas obras. Dessa vez, o foco não está na linguagem comum aos dois, mas nas citações e chamadas diretas que a personagem principal do conto faz ao seu leitor, como em: “Pra tu ver, no meu aniversário fiquei doidão, vacilando” (MARTINS, 2018, p. 11) e “Tu tá ligado que se apertar no talento dá até pra cortar no meio e fazer duas” (MARTINS, 2018, p. 13). Esse recurso literário utilizado por autores de épocas diferentes também perpassam a obra de Geovani Martins, escritor contemporâneo, dando continuidade à tradição literária.

O conto consegue apresentar, também, um neologismo criado a partir da transformação de uma gíria em verbo. “X9” é uma expressão que aparece no conto “Rolézim” no seguinte trecho: “Eu sei que o Luiz não era X9” (MARTINS, 2018, p. 15) e, logo depois, o narrador continua: “...meu irmão nunca que ia *xisnovar* ninguém” (MARTINS, 2018, p. 15, grifo meu), apresentando ao leitor um neologismo criado a partir de uma palavra já existente. O mesmo

acontece em *Dom Casmurro*, quando Machado de Assis troca o significado de “Casmurro” e atribui um novo sentido à palavra, para que possa se adequar ao contexto do seu romance.

Algo importante de perceber em “Rolézim” é que, apesar da falta de diálogos marcados por algum mecanismo gráfico e visível, o autor trata toda a sua narrativa como um longo monólogo ao contar a história resgatando as marcas orais encontradas nas conversas. Além disso, a oralidade ser algo corriqueiro nos contos do Geovani Martins é um fator que converge com a própria origem desse gênero literário, que era passado de forma oral entre gerações, antes de se tornar um registro escrito.

3. Repercussão do livro *O Sol na Cabeça*

De acordo com o crítico literário Antonio Candido, “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.” (1995, p. 47). Assim, percebe-se que para analisar completamente o trabalho literário de Geovani Martins, cabe ao crítico pesquisar, também, de que forma o seu texto foi recebido pelo seu público e de que forma esse público foi formado e construído.

Para Antonio Candido, as obras podem se dividir entre arte de segregação e de agregação. A primeira se ocupa em renovar um sistema simbólico já vigente e não o fortalece, além disso, acaba por se dirigir a um grupo mais reduzido da sociedade. De forma que a literatura de Geovani Martins retrata uma parte específica da sociedade, poderia estar sendo considerada como arte de segregação, mas, à medida que *O Sol na Cabeça* ganha espaço entre outras obras e é lido por diferentes grupos sociais, e não apenas pelo grupo representado em sua narrativa, pode se classificar como arte de agregação. É como se os treze contos do livro fizessem uma espécie de transição de uma classificação para a outra à medida em que entra em contato com seus leitores.

E, ao mesmo tempo em que a arte do Geovani Martins integra, também diferencia. À medida que ele narra o cotidiano e episódios específicos de jovens da periferia do Rio de Janeiro, o autor é capaz de gerar uma identificação, mas também um estranhamento. O mesmo ocorre quando ele opta por narrar sem apresentar o nome do narrador-personagem, como é o caso de “Rolézim”, e por narrar utilizando-se da língua portuguesa em seu aspecto oral e falado em contextos informais.

4. Rolézim

Em “Rolézim”, conto que será analisado nesse trabalho, o leitor entra em contato com um narrador-personagem que narra sempre em primeira pessoa e geralmente no tempo verbal presente, sem nome. Não é comum que a personagem principal de uma narrativa não seja nomeada, já que o próprio nome escolhido pelo autor é uma forma de caracterizar a personagem que é usada por ele para contar a história. Dessa forma, cabe ao leitor buscar outros vestígios para classificar e entender o narrador, criando a sua caracterização por meio de outras informações encontradas na narrativa, seja pelo seu modo de narrar, pensar e falar, ou pelos sentimentos que ele deixa escapar no seu discurso.

Mesmo não ganhando um nome, o leitor entende que se trata de uma personagem do gênero masculino pela forma como os adjetivos são flexionados quando se referem a ele, como por exemplo: “Doidão”, “Sujo” etc. Também pode ser notado na frase: “Querida ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora” (MARTINS, 2018, p. 10).

Além desse narrador, que não se apresenta formalmente aos leitores do conto, a mãe da personagem não é nomeada e aparece no conto como “minha coroa”. Mesmo os mais próximos ao narrador não são identificados por ele e aqueles que são, acabam sendo tratados de maneiras impessoais — pelo uso de apelidos, como: “Vitim”, “Tico”, “Teco”, “Poca Telha” e “Mano de Cinco”. Ao mesmo tempo em que isso mostra a aproximação entre o narrador e essas personagens e serve para caracterizá-los, também distancia aqueles que participam da história daqueles que estão lendo.

Não fica explícito o ano, mês ou dia em que a situação do conto se passa, o que afasta o autor de um realismo, mas ao mesmo tempo, o mesmo realismo pode ser encontrado nos artifícios que ele usa para narrar o conto e descrever as imagens criadas ao longo da narrativa. Principalmente por causa da linguagem oralizada que ele usa ao narrar, representando a fala real ao tentar se aproximar dela. Ademais, uma das certezas que o leitor tem é do período do dia em que se passa o conto: “Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo” (MARTINS, 2018, p. 9). Além de falar que “não era nem nove da manhã”, o narrador usa diversos adjetivos para qualificar o calor que fazia quando ele acordava e saía de casa para encontrar os amigos.

O cenário inicial é a casa do narrador-personagem não nomeado, onde ele acordou e, logo depois, passou na casa de um amigo, pegou um ônibus e foi para praia. Diante desses quatro ambientes, o que foi descrito com mais detalhes foi o ônibus, em que o narrador diz: “O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. Tava osso” (MARTINS, 2018, p. 10). Ele usa

uma metáfora em “o piloto nem roncou...” e cria uma imagem que deve surtir um efeito no seu leitor de aproximação com a realidade apresentada no texto quando descreve: “...lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado” (MARTINS, 2018, p. 10).

O enredo e a fábula do conto não coincidem. Em alguns momentos da narração há a presença de *flashbacks*, principalmente do narrador com o seu irmão. Em outros momentos, ele deixa de narrar a realidade ao seu redor para lembrar de algo que seu irmão já falou sobre o que ele está fazendo, estabelecendo assim uma ligação com as suas memórias e lembranças.

A narração do conto segue uma certa linearidade, até que acontece uma quebra de expectativa que surpreende o leitor, causada pela seguinte frase: “Tava na hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô” (MARTINS, 2018, p. 15). Ele separa as duas frases com um ponto final e ambas representam ideias opostas, mesmo que sintaticamente não deveriam estar separadas. A primeira frase faz o leitor esperar que a seguir, o narrador conte como ele e os amigos voltaram para casa e o conto continue seguindo a sua forma linear, até que ele encerra a frase com um ponto final. Logo em seguida, ele inicia a próxima sentença com a conjunção aditiva “e”, retomando a ideia anterior, que ainda não havia sido concluída pelo narrador, dando um novo rumo para o conto, afirmando que “rolou o caô” e quebrando as expectativas que havia dado anteriormente.

Depois dessa quebra de expectativa, o universo narrativo retoma ao clima linear que assumiu desde o primeiro parágrafo com o seguinte trecho: “Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente” (MARTINS, 2018, p. 15). Dessa forma, mais uma vez, o cenário muda dentro da obra, afetando os leitores e as próprias personagens criadas pelo autor. Mesmo afirmando anteriormente que “rolou o caô”, ele volta atrás e diz que “...terror nenhum. Seguimo em frente” (MARTINS, 2018, p. 15). Porém, logo em seguida há um novo desvio do que era esperado e uma oração com o advérbio de tempo “quando” é introduzida, fazendo o cenário mudar novamente e o conto ganhar uma forma dinâmica em contraponto à narrativa que vinha sendo construída desde o início.

“Rolézim” é um conto composto por parágrafos e não apresenta nenhuma forma de discurso direto que seja representado por aspas ou travessões, como é convencionalmente usado na literatura brasileira. No trecho “O cana gritou na hora que ia aplicar” (MARTINS, 2018, p. 15), por exemplo, o verbo “gritar”, que aparece no conto conjugado na terceira pessoa do singular, exprime a ideia de falar algo num tom elevado. Mesmo assim, o discurso “do cana” não foi diferenciado da narração da personagem principal. Dessa forma, toda a narrativa é construída a partir da perspectiva do narrador, que dá todas as informações para o leitor e controla todo o ambiente narrativo.

5. O Sol dentro do conto

O conto tem seu início com o primeiro parágrafo carregado por um campo semântico em que a figura do Sol (já explícita anteriormente, no título e na capa do livro) está sendo fortemente marcada, como por exemplo, nos seguintes termos: “Maçarico”, “Derretendo”, “Seco”, “Quente” e “Bafo do capeta”.

Esse campo semântico serve para criar uma tensão e uma imagem para o leitor. Por ser uma espécie de economia de meios e por ter esse aspecto de ser direto, o contista não dá voltas na sua narrativa. Geovani Martins abre o primeiro conto do seu livro de estreia retomando o seu título: *O Sol na Cabeça*.

O Sol — e a luz — dentro desse contexto e desse livro, tem como intenção iluminar grupos que são marginalizados. Diante disso, a ideia de representação e de uma sociedade criando uma literatura em conjunto pode se tornar forte e comum.

O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo. (CANDIDO, 1995, p. 34)

Assim, é como se toda a periferia fosse, de certa forma, autora da obra de Geovani Martins ou de contos que, assim como “Rolézim”, coloca grupos que tendem a ser excluídos da sociedade como foco da luz solar metafórica criada pelo autor de *O Sol na Cabeça*. O social influencia na arte, de forma que escritores como Geovani Martins criam suas narrativas de forma individual, mas junto à sua criação literária, foi desenvolvida uma espécie de identificação entre a obra e a sociedade contemporânea, sendo assim, a sua própria identidade e individualidade pode ser desfeita em nome da coletividade.

Além disso, não se resume apenas ao primeiro parágrafo a imagem do Sol. Essa imagem é fixa durante todo o conto, como em: “Sol estalando”, “Brilhando” e “Calor”, que podem ser encontrados ao longo da narrativa, assim como nas outras histórias do livro.

6. Relação entre a polícia e o narrador-personagem

Algo que quero destacar nessa análise é a representação da polícia no conto “Rolézim”. Em 2018, houve uma intervenção no Rio de Janeiro, cidade onde os contos de *O Sol na Cabeça* se passam, que atingiu o maior número de mortos por policiais em dezesseis anos. Dessa forma, é fácil perceber a relação que se estabelece entre as personagens representadas no conto.

No seguinte trecho, fica claro o desprezo e ódio do narrador pelos policiais: “Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque no feriado, com geral na rua, em tempo de acertar uma criança. Tem mais é que encher esses cu azul de bala. Papo reto” (MARTINS, 2018, p. 12). O adjetivo que caracteriza o substantivo “os polícia” é “covarde”. Além disso, ele destaca a possibilidade de uma criança ser o alvo dos policiais, o que também é algo comum de encontrar num noticiário. Além disso, mais uma vez fica evidente a relação com a linguagem oral que esse conto apresenta em: “Esses polícia é tudo covarde mermo” (MARTINS, 2018, p. 12), a concordância nominal e verbal não é estabelecida de forma a seguir a Gramática Normativa e o fonema /s/ é substituído pelo /h/ na palavra “mesmo”, que é transcrita como “mermo”, algo bastante comum em situações de fala quando a língua está sendo colocada em uso dentro de um contexto informal, que, nesse caso, é uma saída entre amigos.

Seguindo a narrativa, a personagem principal não nomeada comenta: “Esses polícia de praia é foda.” A palavra “foda” é usada, dentro do universo narrativo desse conto, pejorativamente e negativamente para se relacionar, mais uma vez, com “Esses polícia”, classificando assim esse grupo. Esse termo, usado como adjetivo, pode ser utilizado de maneira negativa ou positiva, porém, através da voz narrativa do conto “Rolézim” e do discurso literário construído pelo autor, o leitor entende que sua intenção é criticar os policiais e não usar o termo como um elogio.

Já em outro trecho, encontra-se: “O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando nós” (MARTINS, 2018, p. 12). “Ecoltar” é um verbo transitivo direto e significa “seguir junto de alguém (ou algo) com a finalidade de dar proteção.” Dessa forma, é fácil perceber a relação que parte da população tem em relação a policiais, de maneira que passam a ser vistos como sinônimo de segurança. Esse *ethos* não é atribuído a essa classe por todos os componentes da sociedade, pois nem todos são colocados numa situação de segurança ao se encontrarem próximos a policiais. De forma que, o narrador está constantemente relatando as suas insatisfações em relação ao grupo e construindo uma nova identidade para os policiais, a partir da sua visão e da sua memória.

No trecho seguinte, há uma mudança nas relações de poder que é causada por causa da utilização e da repetição de um verbo específico: “Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó” (MARTINS, 2018, p. 15). Dessa vez, “escoltar” está conjugado na primeira pessoa do plural e inclui o narrador e os seus amigos, que o acompanhavam na praia. Em nenhum dos dois casos o verbo está inserido de forma a abranger o seu real significado de proteção, trata-se de uma forma que o autor encontrou de

usar recursos linguísticos dentro da sua obra literária para ironizar um fenômeno social, além de denunciá-los, o que ocorre com frequência nas narrativas de *O Sol na Cabeça*.

Para o pesquisador Karl Schøllhammer: há, na literatura brasileira contemporânea, uma ansiedade de articular e intervir sobre uma realidade presente conturbada (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 11). Além disso, o pesquisador diz, ainda, que:

O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10).

Tais constatações acerca do escritor contemporâneo e de suas produções podem, também, ser encontradas nas narrativas de *O Sol na Cabeça*, tendo em vista que em todos os contos há a preocupação da denúncia social e do olhar para o presente e para o passado.

Essas denúncias sociais, além de se fazerem presentes em “Rolézim”, também estão retornando em todos os outros contos do livro, assim como em seu título, que se faz essencial para a construção literária das narrativas. Tanto o substantivo “Sol” quanto “Cabeça” remetem à centralidade. É justamente o que o autor faz durante a sua criação literária, inverter normas e papéis sociais e fazer um jogo literário entre as ideias já estabelecidas de centro e margem, apresentando outros significados e possibilidades.

7. O desfecho de “Rolézim”

Os romances, em geral, possuem uma tendência de desaceleração após atingir o clímax do enredo. Um exemplo disso é a existência do epílogo, que tende a passar anos depois daquela situação já ter sido resolvida no último capítulo, logo após desacelerar em direção ao fim.

No caso do conto, o oposto acontece. Os contos costumam terminar no momento de tensão, fazendo com que o leitor tenha uma quebra de expectativas com a narração. Em “Rolézim”, o último parágrafo está cercado de uma enorme tensão. O narrador-personagem foi parado pela polícia, assim como os seus amigos, e decide fugir, mesmo não sendo culpado de crime algum.

Diferentemente do clima caloroso e solar criado anteriormente pelo autor nos parágrafos que abriram o conto, no último parágrafo é criada uma atmosfera diferente com as seguintes expressões: “Meu corpo todo gelou” (MARTINS, 2018, p. 16) e “... meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado?” (MARTINS, 2018, p. 16). Dessa vez, ele deixa de lado uma descrição do Sol, elemento principal no título e na capa do livro, assim como em

alguns parágrafos de “Rolézim”, e utiliza-se do extremo oposto para representar os sentimentos do seu protagonista.

Além disso, a tensão criada nos momentos anteriores ao fim do conto é desfeita com a última frase composta por apenas duas palavras e finalizada por uma exclamação: “Passei batido!” (MARTINS, 2018, p. 16). Por ser um conto e pelo autor economizar os seus meios narrativos e literários, o leitor não entra em contato com o que acontece após esse recorte narrativo, nem com o futuro do personagem. Duas palavras foram suficientes para quebrar a tensão e o clímax criado já no fim do conto. Em “Rolézim”, essas duas palavras existem, mas em outros contos do livro *O Sol na Cabeça*, a narrativa é interrompida literalmente nos momentos de tensão e o leitor fica sem ter como definir se a personagem “passou batida” dessa vez.

8. Considerações finais

Sabe-se que a obra de Geovani Martins, assim como outras contemporâneas, surge de um esforço e de uma criação individual que encontra as manifestações populares e coletivas, podendo se tornar um único movimento. Assim como é fácil perceber as técnicas usadas pelo autor para dar continuidade e profundidade a uma literatura em que exprime uma ideia de Brasil vivenciada por ele e por outros, que acabam por se identificar com a sua literatura.

O Sol na Cabeça e contos como “Rolézim” conseguem se aproximar do cânone literário, pelos seus aspectos formais, estéticos, técnicos e sociais e, ao mesmo tempo, das pessoas que estão fora da academia, por compreender e representar as manifestações populares.

Para Cortázar (2006, p. 153), “um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”. Logo, pode-se associar com “Rolézim” a ideia de que além de narrar uma história rotineira para grande parte da sociedade brasileira contemporânea, esse conto vai além de narrativa de um recorte do cotidiano brasileiro e une aspectos sociais, plurais e literários.

Referências

BARBON, Júlia. NOGUEIRA, Italo. Sob intervenção, Rio tem maior número de mortos por policiais em 16 anos. **Folha de São Paulo**. Rio de Janeiro. 18 de dez. de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/sob-intervencao-rio-tem-maior-numero-de-mortos-por-policiais-em-16-anos.shtml>. Acesso em: 16 de nov. de 2019.

CANDIDO, Antonio. Literatura e vida social. In: **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. In: **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

MARTINS, Geovani. **O Sol na Cabeça**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

GOTLIB, Nádía Batella. **A Teoria do Conto**. Ática, 1985.

PLATÃO. **A República**. Tradução por Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. Que significa literatura contemporânea? In: **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.